

Experiências Inesquecíveis na Natureza e o Dilema da Preservação e Crescimento pelas Práticas ESG (Environmental, Social and Governance): O Emblemático Parque Nacional Vale do Catimbau-PE

ANA ELISABETH DE BRITO ALVES
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)

LUANA ATAÍDE
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)

ELISABETH CAVALCANTE DOS SANTOS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)

JULIANA DE BRITO ALVES CAVALCANTI

MARIA RUBIANA BEZERRA DA SILVA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)

Agradecimento à órgão de fomento:
A Capes e ao CNPQ pelo incentivo à pesquisa no Brasil.

EXPERIÊNCIAS INESQUECÍVEIS NA NATUREZA E O DILEMA DA PRESERVAÇÃO E CRESCIMENTO PELAS PRÁTICAS ESG (*ENVIRONMENTAL, SOCIAL AND GOVERNANCE*): O EMBLEMÁTICO PARQUE NACIONAL VALE DO CATIMBAU-PE

Introdução

Marta nasceu e cresceu no entorno do Vale do Catimbau, região que abrange agreste e sertão do estado de Pernambuco, filha de uma família que sempre viveu da agricultura e do artesanato. Após estudar Turismo e Meio Ambiente em uma universidade Federal, ela retornou ao Catimbau com o desejo de transformar a região em um exemplo de turismo sustentável.

Com recursos obtidos de um edital de incentivo ao empreendedorismo, Marta criou um pequeno centro de apoio ao turista, que oferece guias locais, experiências imersivas com as comunidades indígenas e quilombolas, venda de artesanatos e práticas sustentáveis, como por exemplo treinamento para uma educação ambiental efetiva, compostagem com microempreendedores, replantio da vegetação nativa e manejo responsável de resíduos. Sua iniciativa gerou empregos e trouxe mais turistas que desejam experienciar aventuras na natureza rústica, e conseqüentemente seres humanos mais conscientes para o Catimbau, conscientização que se amplia fora dos domínios do parque.

No entanto, o aumento do fluxo de visitantes atraiu o interesse de investidores externos, e a partir disto, em meados de setembro e outubro de 2024, algumas empresas de turismo de massa começaram a sondar o local para grandes empreendimentos, como resorts e trilhas padronizadas. Com esses projetos, empresários prometem aumentar significativamente o fluxo de turistas e trazer mais dinheiro para a economia local. Contudo, eles também representam uma ameaça à conservação do parque, à identidade cultural dos moradores e ao modo de vida das comunidades tradicionais que vivem e sobrevivem das características naturais do vale.

Durante uma reunião comunitária, Marta foi surpreendida por uma proposta de parceria de uma grande operadora de turismo, em que a empresa ofereceu financiar a expansão de sua iniciativa, prometendo amplas melhorias como estradas pavimentadas, infraestrutura moderna e marketing de massa para colocar o Vale do Catimbau no mapa global do turismo de aventura de natureza. Porém, há uma condição: flexibilizar algumas normas ambientais para permitir a construção de um grande hotel e a abertura de áreas restritas para exploração comercial.

Enquanto alguns moradores veem na proposta uma oportunidade de crescimento econômico, outros temem os impactos irreversíveis no ecossistema e na identidade do Vale. A pressão sobre Marta cresce. Como líder da iniciativa e representante de um modelo sustentável de empreendedorismo cultural imersivo, ela deve tomar uma decisão que pode mudar para sempre o futuro do Catimbau e de toda sua comunidade.

O CASO

A vida de Marta

Marta nasceu numa manhã de junho, no coração do sertão pernambucano, quando o céu do Vale do Catimbau se tingia de azul profundo e o ar carregava o cheiro das flores do mandacaru. Filha de Dona Rosa, artesã das palhas e fios, e de Seu José, pequeno agricultor, Marta cresceu entre as pedras esculpidas pelo vento e os segredos das matas retorcidas pelo sol.

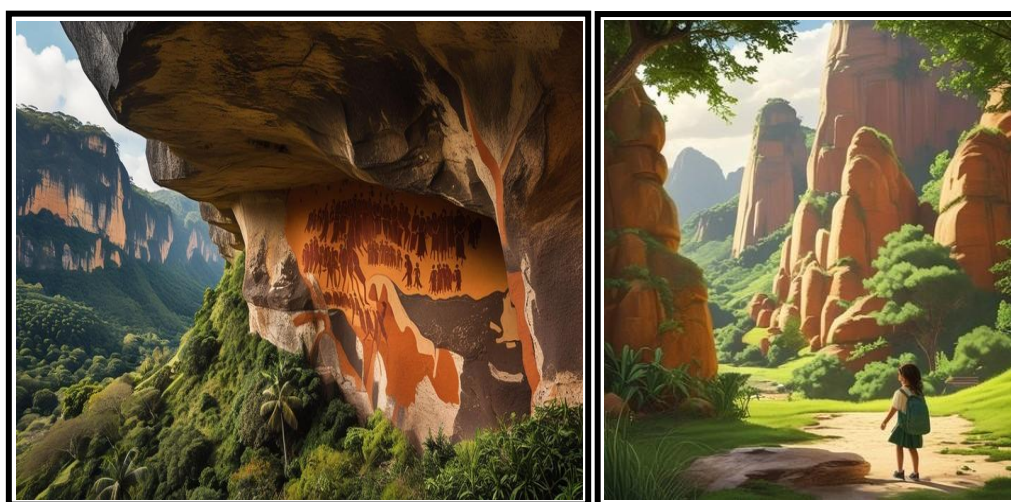
Na infância, os brinquedos eram galhos secos transformados em bonecos, e as brincadeiras, caçar lagartixas ou correr pelos caminhos das trilhas, descalça, sentindo a poeira quente nos pés. O Vale era seu mundo. À noite, à luz do lampião, ouvia as histórias contadas pelo avô Antero: lendas de lobos-guará que protegiam a terra, de encantados que viviam nas

pedras, de povos antigos que dançavam sob as estrelas e pintavam nas rochas avermelhadas do vale.

Na escola, Marta se destacava. Era curiosa, atenta, questionadora. Gostava de aprender sobre os rios voadores do sertão, sobre a Caatinga, sobre os povos originários, mas também sentia a dor das dificuldades: viu amigos deixarem os estudos para trabalhar na roça, e presenciou a luta dos pais para tirar sustento de um solo ingrato.

Na juventude, a inquietação cresceu e Marta começou a guiar pequenos grupos de turistas que se aventuravam no Catimbau, curiosos pelas trilhas e pelos desenhos rupestres escondidos nas pedras. Com um português misturado ao sotaque do sertão, explicava o que sabia e o que imaginava. Foi nesses encontros que nasceu o sonho: mostrar o Vale ao mundo, mas sem que o mundo o destruísse.

Figura 1 – O Vale do Catimbau e Marta criança



Fonte: Autoras do caso - Imagem gerada pela Inteligência Artificial (Canva.com) - 2025

Os anos foram passando, e cada dia mais determinada, decidiu estudar, e com a ajuda dos pais e da Universidade, conseguiu partir para o Recife, para cursar Turismo e Meio Ambiente em uma universidade federal. A chegada à cidade grande foi um choque: os prédios, o barulho, o mar de gente, o asfalto quente sob os pés que antes tocavam só a terra. Sofreu com a saudade do cheiro da chuva no sertão e do silêncio das noites estreladas.

Na universidade, Marta mergulhou nos livros. Estudou Turismo e Meio Ambiente, e posteriormente se especializou em turismo comunitário, sustentabilidade, economia solidária, participou de grupos de extensão que trabalhavam com comunidades tradicionais e reservas ambientais. Foi bolsista em projetos de iniciação científica que atuavam em pesquisas sobre preservação e sustentabilidade e aprendeu a transformar as ideias em planos. Fez amigos que a apoiaram, mas também enfrentou o olhar preconceituoso de quem via nela apenas mais uma “menina do interior”. Cada férias, voltava ao Catimbau. O Vale a chamava. Sentava-se nas pedras e escrevia no caderno seus planos: criar algo que unisse turismo, natureza e gente do lugar.

Quando enfim colou grau, não pensou duas vezes: recusou convites para empregos em outras capitais e retornou ao Vale, com um diploma na mão e uma vontade inabalável de transformar seu lar num exemplo vivo de turismo sustentável. Foi o começo da nova fase. O edital de incentivo ao empreendedorismo surgiu como um presente dos céus. E Marta pôde, enfim, começar a tornar real aquilo que sonhava desde menina: um Catimbau preservado, pulsante, de portas abertas ao mundo, mas fiel às suas raízes.

Vale do Catimbau: O sonho de Marta e o preço do “progresso”

Marta sempre acreditou que o som dos ventos que atravessavam as pedras esculpidas do Vale do Catimbau carregava histórias. Desde menina, guiava turistas desavisados até os mirantes secretos e riachos escondidos do Vale, contando as lendas que ouvia ao redor da fogueira. Anos depois, de volta ao Catimbau com o diploma de Turismo e Meio Ambiente na mão e o peito cheio de sonhos, Marta transformou aquele amor em ação.

Com o incentivo de um edital de empreendedorismo, ergueu o Centro ‘Catimbau Vivo’, um refúgio simples e acolhedor para visitantes, que atuando junto à administração do parque, cada detalhe respirava o compromisso com a terra: turismo de natureza com fins pedagógicos, o sistema de compostagem, os guias locais treinados por ela, as oficinas de artesanato que davam vida nova ao saber ancestral das comunidades que ali habitam.

Os turistas, em busca do encanto das trilhas selvagens e do silêncio das noites estreladas, buscam experiências imersivas no ambiente de calor diurno, escaladas e trilhas, e frio intenso noturno, céu inigualável, camping e luaus. Nos últimos anos, as redes sociais espalharam as imagens das aventuras no Catimbau e da hospitalidade de um povo que ama receber aventureiros. O que antes era um vale esquecido passou a figurar internacionalmente nos roteiros dos amantes da natureza, da aventura, da natureza rústica e da cultura viva.

Com o passar dos anos, o Vale do Catimbau torna-se parque nacional administrado pelo ICMBio. Mas mesmo com o Instituto Chico Mendes em sua gestão, o trabalho de Marta foi e é imprescindível para a sustentabilidade local. Com uma visita inusitada, e vans cheias de homens de terno, mesmo no calor escaldante do vale, atravessaram o parque e os ventos do Vale mudaram de tom. Em setembro de 2024 trouxe consigo homens de sorriso fácil, ternos claros e promessas sedutoras. Investidores externos, como se chamavam.

Ao procurarem Resorts integrados à natureza, trilhas acessíveis para todos, centros gastronômicos de padrão internacional e não encontraram, diziam eles, enquanto sobrevoavam a região com drones e mapeavam cada parte do vale. Marta de súbito, sentiu a inquietação crescer. Não foi informada naquele dia do ocorrido, mas uma semana depois.

Em reuniões comunitárias, ouvia o entusiasmo de alguns moradores, seduzidos pelo brilho das cifras, mas também as vozes temerosas dos mais velhos, como seu Antero, guardião das lendas do vale, e Dona Elza, anciã do quilombo vizinho. “Filha, o que vem fácil, leva o que temos de mais caro”, advertia Elza, os olhos marejados.

Dividida entre o desejo de ver sua terra prosperar e o medo de vê-la transformada em mais um destino consumido pelo turismo de massa, Marta começou a se perguntar: até onde o progresso vale o preço da identidade e da natureza viva do Catimbau? E, nas noites quentes de outubro, quando raposas uivavam ao longe, ela caminhava sozinha até o mirante onde tudo começara buscando nas estrelas e nas pedras uma resposta.

Figura 2 – Marta e o céu do vale



Fonte: Autoras do caso - Imagem gerada pela Inteligência Artificial (Canva.com) - 2025

Marta, perspicaz como sempre, imergiu em diálogos internos e externos a fim de compreender o que estava acontecendo dentro e fora de si, o olhar de investidores de redes hoteleiras internacionais mexeu tanto com ela a ponto de não acreditar, que a pretensão do turismo de massa chegara ao vale para minar a paz de todos, e principalmente das espécies nativas que a muito suor de poucos, ainda sobrevive. A decisão não seria fácil. O Vale assistia em silêncio ao desenrolar de uma história que, mais uma vez, colocava em jogo o futuro de seus filhos e de todos que do parque sobrevivem. Olhando as estrelas de um pedacinho do céu de Pernambuco, se pôs a refletir.

Diálogos de Marta

Em uma noite iluminada de estrelas, em plena terça feira de setembro, Marta observa o vale tingido de vermelho pelo pôr do sol. O vento sopra forte, e um pensamento:

“O que estou fazendo? Eu quis trazer o mundo até o Catimbau... agora o mundo quer engolir o que temos. Será que fui eu quem abriu essa porta? Será que dá pra crescer sem destruir? Meus pais... será que eles aprovariam o que está por vir? “

“E se eu disser não? Será que vou condenar meu povo à pobreza? Mas se eu disser sim... o que vai restar do que somos? Das histórias, das pedras, das noites quietas?”

Ela respira fundo, fecha os olhos e sente o vento. E sussurra: “Vale, me ajuda a decidir...”

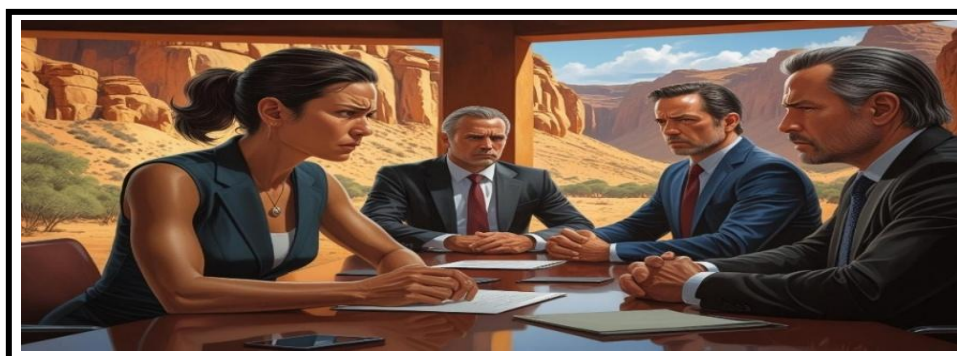
Figura 3 – Marta e seus pensamentos



Fonte: Autoras do caso - Imagem gerada pela Inteligência Artificial (Canva.com) - 2025

Na quinta feira, dois dias depois, em uma reunião no Centro Catimbau Vivo, Marta é procurada por mais três homens interessados pelo senhor Álvaro, representante da equipe dos possíveis investidores, que para impressionar, bem-vestido, apresenta mapas, vídeos feitos com auxílio de drones e tecnologia e gráficos em 3D do vale, e Marta escuta atenta (*mas com o cenho franzido*).

Figura 4 – Marta e uma reunião tensa



Fonte: Autoras do caso - Imagem gerada pela Inteligência Artificial (Canva.com) - 2025

Sr. Álvaro: “Marta, pense no potencial. O Catimbau pode ser o *novo Jalapão*. Resorts de luxo, trilhas seguras, restaurantes de nível internacional. Isso vai gerar centenas de empregos e colocar a região no mapa do turismo global. Você já fez muito... com a nossa parceria, você fará história.”

Marta: “E o que acontece com as comunidades? Com os guias que formamos, com as tradições? Onde eles entram nesse grande projeto?”

Sr. Álvaro: “Eles podem ser capacitados, treinados. Podem atuar em funções de apoio, recepção, manutenção. É claro, nem todos vão se adaptar..., mas isso é o preço do desenvolvimento, não é?”

Marta (*respira fundo, sentindo a tensão crescer*) e diz: “Preço? Para vocês, é só dinheiro. Para nós, é o que somos. O senhor já caminhou por essas trilhas sem guia? Já ouviu as histórias do povo daqui? Já observou a vegetação, a flora, a fauna? Já mapeou a biofilia de todo parque? Já contabilizou quantas famílias sobrevivem da atividade sustentável do parque? Não vai caber tudo isso no pacote que vocês querem vender.”

Sr. Álvaro (*num tom mais persuasivo*): “Eu entendo a paixão, Marta. Mas paixão não põe comida na mesa. Nem constrói escolas, nem hospitais. Pense bem.”

O representante dos investidores, o senhor Álvaro, deixa Marta a pensar em todas as propostas e ações que pretendem, para mais tarde voltarem a conversar. Neste meio tempo, um morador e comerciante local, entusiasmado procura por Marta, e eles mantêm um diálogo acalorado:

Carlos: “Marta, você vai apoiar, não vai? Eu já até falei com um dos “caras” do projeto que foi no meu mercadinho. Vai ter vaga de supervisor no resort. Você não acha que é hora da gente mudar de vida? Chega de ralar no sol, de vender artesanato por trocado.”

Marta: “Carlos... você já pensou em como vai ser o vale daqui a dez anos com esse resort? Você acha que eles vão querer a gente contando nossas histórias aos turistas ou vão botar gente de fora treinada pra isso? Você acha que a terra vai continuar nossa?”

Carlos: “Mas se a gente não aceitar, eles vão fazer do mesmo jeito, Marta. Pelo menos, assim, a gente tira algum proveito.”

Marta (*em tom firme, mas triste*): “Nem tudo que reluz vale o que custa, Carlos. O difícil é convencer os outros disso...”

A noite avançava, e o vento que soprava pelas janelas da casa e parecia sussurrar as perguntas que Marta não conseguia calar dentro de si. Sentada à mesa, com as mãos espalmadas sobre o caderno em branco, ela sentia o peso das decisões que se aproximavam como uma tempestade no horizonte.

Pensamentos noturnos de Marta: "Hoje ouvi mais promessas do que essa terra pode suportar. Sr. Álvaro fala do Vale como se já fosse dele, como se nossas pedras e histórias tivessem preço. Carlos, meu próprio vizinho, amigo e empreendedor bem firmado na localidade já sonha com o emprego no resort e parece esquecer o chão de onde veio e a empresa que tanto lutou para construir. E eu? Eu sou o fio esticado entre dois mundos: o que ama e quer proteger, e o que precisa abrir portas para não morrer de sede de futuro... "Mas será que existe um futuro que valha se ele vier às custas da nossa essência? Será que o Catimbau sobrevive ao progresso que não nos pertence?"

Marta sabia que, ao amanhecer, deveria reunir a comunidade e dizer o que pensava. Mas que decisão tomar? O vale, a terra, o povo... tudo parecia estar nas suas mãos.

O Vale do Catimbau e as atividades existentes atualmente

O Parque Nacional do Vale do Catimbau, no coração do semiárido pernambucano, tornou-se um exemplo inspirador de como desenvolvimento e preservação podem caminhar juntos — ainda que com desafios diários e decisões difíceis. Há alguns anos, lideranças locais,

como Marta, ao lado de ambientalistas, representantes de comunidades quilombolas e indígenas, artesãos e pequenos empreendedores, uniram forças para construir um modelo de turismo baseado em práticas ESG (ambientais, sociais e de governança).

No eixo Ambiental (E), o parque implementou um turismo de baixo impacto: trilhas sustentáveis foram abertas com rigor técnico, e há um controle firme do limite de visitantes por rota, evitando a degradação das áreas mais frágeis. O manejo de resíduos tornou-se parte das operações turísticas, com pontos de coleta seletiva e compostagem nos alojamentos e centros de apoio. A conservação hídrica é tratada com seriedade, incluindo captação de água da chuva e uso racional nos estabelecimentos locais. Além disso, as áreas sensíveis — como as cavernas e paredões com pinturas rupestres milenares — são monitoradas por sistemas de vigilância e pela fiscalização comunitária.

No eixo Social (S), a comunidade do entorno é protagonista. As decisões sobre o turismo são tomadas com a participação ativa dos moradores, em assembleias e reuniões abertas. Moradores são capacitados como guias turísticos especializados, além de trabalharem como condutores de trilhas, educadores ambientais, operadores de pequenos negócios e produtores de artesanato e alimentos típicos. O turismo no Catimbau é também um espaço de valorização da cultura: oficinas, feiras e vivências com os povos quilombolas e indígenas são parte da experiência oferecida aos visitantes, com prioridade absoluta para profissionais locais.

No eixo Governança (G), foi criado um Conselho Comunitário de Gestão do Turismo, onde sentam lado a lado líderes comunitários, representantes ambientais, operadores de turismo e parceiros institucionais. O conselho analisa e delibera sobre qualquer projeto proposto para o parque, garantindo alinhamento com as leis ambientais e os princípios de conservação do Vale. Além disso, qualquer investidor que queira atuar no Catimbau deve apresentar relatórios periódicos de impacto socioambiental, avaliados de forma participativa.

Essas práticas, embora locais em sua abrangência imediata, já mostram efeitos de longo prazo: o Vale do Catimbau tornou-se um destino de referência em turismo de base comunitária e sustentável, despertando o interesse de pesquisadores, ONGs e até de modelos internacionais de turismo consciente. Mas agora, o equilíbrio construído com tanto esforço enfrenta uma nova prova: grandes investidores do turismo de massa batem à porta do Vale, oferecendo cifras e promessas que dividem opiniões na comunidade. O dilema de Marta e de todos do Catimbau se torna ainda mais urgente.

Outras “Martas” pelo mundo

Marta representa o perfil do líder comunitário ambiental comprometido com a defesa do patrimônio natural e cultural de seu território. Nascida e criada no entorno do Parque Nacional do Vale do Catimbau, Marta não apenas conhece profundamente a região, suas trilhas, sua fauna e flora, como também carrega em si o sentido de pertencimento e responsabilidade por esse ecossistema singular.

Seu protagonismo se expressa na capacidade de articular práticas sustentáveis, mobilizar a comunidade e implementar projetos que integram conservação ambiental, valorização cultural e geração de renda local. Por meio do empreendedorismo social, da defesa das práticas ESG e do respeito às tradições indígenas e quilombolas, Marta se coloca como guardiã do equilíbrio entre o desenvolvimento e a preservação.

Esse tipo de protagonismo ambiental é, felizmente, uma realidade crescente no Brasil. Diversas comunidades e lideranças em áreas rurais, tradicionais e protegidas têm se destacado na busca por modelos de gestão sustentável que unem conservação e inclusão social. São protagonistas que, como Marta, se colocam na linha de frente da resistência a modelos predatórios e da construção de alternativas inovadoras para o uso responsável dos recursos naturais.

Revistas e reportagens nacionais frequentemente trazem à tona exemplos de brasileiros que, assim como Marta, transformam seus territórios e inspiram novas práticas para o futuro do país. A seguir, apresentamos um quadro com algumas dessas matérias que dialogam com a experiência do Vale do Catimbau.

Quadro 1 – Práticas sustentáveis em ambientes turísticos naturais

Título da matéria	Veículo	Ano	Link	Tema central
“Turismo sustentável cresce no Brasil: 83% dos viajantes buscam beneficiar comunidades locais”.	Revista Exame online	2025	Turismo sustentável cresce no Brasil: 83% dos viajantes buscam beneficiar comunidades locais Exame	“São exigidos a consciência ambiental e adoção de ações para minimizar o impacto negativo em viagens; Em ano de COP30, país tem oportunidade de impulsionar o setor”.
“Brasil pode ser líder em turismo sustentável, aponta pesquisa “	Veja	2025	Brasil pode ser líder em turismo sustentável, aponta pesquisa VEJA	“O turismo sustentável deve ser uma prioridade estratégica para o Brasil na opinião de 81% dos entrevistados”.
“Sustentabilidade no setor de turismo exige práticas ESG reais”	Diário do Comércio	2024	https://diariodocomercio.com.br/negocios/turismo-sustentavel-exige-esg-real/	“O turismo sustentável dever ser entendido como um negócio que precisa dar lucro e envolver os consumidores”.
“Cultural, social e ecológico: conheça o Turismo de Base Comunitária”	ISPM	2022	Cultural, social e ecológico: conheça o Turismo de Base Comunitária - ISPN - Instituto Sociedade, População e Natureza	“O Turismo de Base Comunitária (TBC) é uma prática que defende “culturas, modos de vida tradicionais e os territórios”.
“Turismo Comunitário: o caminho para preservação da identidade cultural e ambiental de um território”	GOV.br	2023	Turismo Comunitário: o caminho para preservação da identidade cultural e ambiental de um território — Ministério do Turismo	“Somos jovens, mulheres e homens de comunidades quilombolas, de povos originários (indígenas), que têm no turismo comunitário uma fonte de trabalho e renda”.

Fonte: Autoras do caso (2025) – Com base em pesquisas e revistas online

As matérias nacionais citadas acima, reforçam o protagonismo de Marta e de outras lideranças no avanço do turismo sustentável no Brasil. Tal como no Vale do Catimbau, essas experiências mostram comunidades que se tornaram guardiãs do meio ambiente e da cultura, utilizando o turismo em ambientes naturais como ferramenta de inclusão, geração de renda e preservação da identidade, com práticas alinhadas ao ESG.

A capacitação de moradores como guias, artesãos e operadores fortalece a autonomia local, enquanto as experiências autênticas promovem consciência ambiental e respeito às culturas tradicionais. Esses exemplos destacam a importância da sustentabilidade participativa e do manejo responsável dos impactos sociais e ambientais, exatamente o que se busca no Catimbau. Agora, diante da chegada de investidores e empresas de turismo de massa, Marta

precisa tomar decisões que colocarão em jogo os frutos do esforço coletivo e o futuro do território, com consequências que podem durar gerações.

Dilema e Fechamento do Caso

Assim como Marta, outras tantas pessoas de diversos locais no mundo lutam e ampliam sua compreensão acerca da importância da preservação ambiental. E como na localidade em debate, nasceram e cresceram na região do Vale do Catimbau, em Pernambuco. Muitos tiveram oportunidade de estudar fora da região, crescer e se desenvolver como profissionais graduados, conhecer outras culturas e possibilidades; já outros ali permanecem até os dias atuais, como pais, avós, filhos, netos... Marta é uma representatividade dos sonhos, conquistas e lutas de sua gente, é passado, presente e futuro.

No entanto, o sucesso crescente do destino atraiu os olhares de empresas de turismo de massa, que propõem implantar grandes empreendimentos, como resorts e trilhas padronizadas. Por ser “estudada” demais para os padrões locais, Marta sabe o que isto pode ocasionar à região. As promessas de desenvolvimento econômico e visibilidade contrastam com o risco de descaracterização cultural, impactos ambientais e perda do protagonismo comunitário.

Mas, ela deve aceitar as propostas tentadoras das empresas de turismo de massa, com condições ESG rígidas, arriscando aspectos da identidade e da preservação do Vale em nome do desenvolvimento econômico? Ou deve resistir, e buscar alternativas mais lentas e desafiadoras, rejeitando a parceria e ampliar junto à comunidade as práticas ESG, mas que preservem a alma e o equilíbrio do Catimbau? Como conciliar o crescimento econômico com a conservação ambiental e a justiça social no turismo do Vale do Catimbau? Qual caminho escolher antes que seja tarde demais? Agora, Marta precisa decidir qual caminho seguir. Sua decisão pode mudar para sempre o destino do Vale do Catimbau.

Referências

Clark, C., & Nyaupane, GP (2023). Turismo e restauração ecológica através das fronteiras: uma abordagem de ecologia política. *Current Issues in Tourism*, 27 (21), 3438–3457. <https://doi.org/10.1080/13683500.2023.2266099>

Garcia, A. C. S. de M., Andrade, L. C. de, Cruz, A. F. da S., Moura, A. E. S. S. de, & Santos, P. R. dos. (2020). Vulnerabilidade ambiental em áreas de caatingas na unidade de conservação parna do Catimbau, Pernambuco, semiárido brasileiro. *Holos Environment*, 20(4), 625–640. <https://doi.org/10.14295/holos.v20i4.12402>

Gonçalves de Lima, C., & de Melo Conti, D. (2020). Participação local e meio ambiente: caminhos para o ecoturismo sustentável. *Revista Brasileira De Ecoturismo (RBEcotur)*, 13(1). <https://doi.org/10.34024/rbecotur.2020.v13.10169>

NOTAS DE ENSINO

Objetivo de Ensino

Este caso tem como principal objetivo desenvolver a capacidade dos estudantes de analisar criticamente decisões estratégicas no turismo de natureza e aventura, podendo aplicar

os princípios ESG (Ambiental, Social e Governança) em contextos reais e desafiadores, como o do Parque Nacional do Vale do Catimbau.

Ao se depararem com o dilema enfrentado pela protagonista Marta, os estudantes deverão: Compreender o impacto das experiências turísticas vivenciadas no Catimbau, avaliando seus benefícios e desafios para a comunidade local, para o meio ambiente e para a cultura regional; refletir sobre a aplicação prática dos critérios ESG no planejamento e na gestão do turismo sustentável, tanto no caso do Catimbau quanto em outros contextos profissionais; exercitar o processo de tomada de decisão em cenários de liderança, reconhecendo como as escolhas feitas (ou evitadas) podem gerar impactos positivos ou negativos em territórios naturais e organizações; desenvolver soluções éticas, criativas e fundamentadas, que conciliem desenvolvimento econômico, conservação ambiental e justiça social, à luz das práticas ESG e dos princípios do turismo sustentável.

O caso busca ainda aproximar os alunos de situações reais enfrentadas por líderes em áreas protegidas, estimulando análises criteriosas, decisões coerentes com a sustentabilidade e uma visão integrada das responsabilidades socioambientais no turismo.

Relações com os objetivos de um curso ou disciplina e Disciplinas sugeridas para uso do caso

O presente caso oferece um cenário real e desafiador que permite ao estudante desenvolver competências essenciais para a formação em cursos de Administração, Gestão Ambiental e Turismo, tanto na graduação quanto na pós-graduação (especialização e *stricto sensu*). Ao trabalhar o dilema enfrentado por Marta, o caso contribui para o desenvolvimento da capacidade crítica na análise de decisões estratégicas gerenciais, em contextos em que o equilíbrio entre desenvolvimento econômico, conservação ambiental e preservação cultural é indispensável.

Além disso, o caso incentiva o estudante a refletir sobre responsabilidades socioambientais, justiça social e identidade cultural, temas centrais para a formação de líderes comprometidos com o desenvolvimento sustentável e com práticas de mercado mais responsáveis, com a agenda 2030 e as práticas ESG.

O caso pode ser utilizado como recurso pedagógico em disciplinas como: Administração e Sustentabilidade; Planejamento e Gestão do Turismo Sustentável; Gestão de Áreas Naturais e Protegidas; Gestão de Projetos com Foco em ESG; Empreendedorismo e Inovação Social; Responsabilidade Socioambiental e Governança; Planejamento Estratégico em Organizações do Setor Turístico; Políticas Públicas e Gestão Ambiental e Desenvolvimento Regional e Local.

Fonte e Método de Coleta de Dados

A construção deste caso de ensino foi baseada em uma pesquisa qualitativa (Creswell e Creswell, 2021), em dados coletados para um artigo teórico-empírico ao final do ano de 2024, que à época estava em desenvolvimento e foi apresentado em um evento internacional na Índia. O levantamento dos dados teve como foco a experiência no turismo sustentável e comunitário no contexto do Parque Nacional do Vale do Catimbau e as práticas ESG que são adotadas e executadas atualmente, seguindo a agenda 2030.

Na plataforma Canva.com, foram geradas as imagens ilustrativas especificamente para o caso, utilizando prompts de acordo com a história, o perfil de Marta, do Vale do Catimbau, e dos momentos vivenciados no enredo da história que determina o desenvolvimento do caso, como por exemplo na figura (3): “crie uma imagem de Marta pensando no Catimbau e nos

possíveis hotéis construídos no ambiente natural”. Também foram organizados o plano de aula e as rubricas de avaliação.

Sugestões de Questões para Debate

I - Quais são os riscos e oportunidades das propostas de experiências turísticas de natureza para a comunidade do Catimbau?

II - O que está em jogo na decisão de Marta?

III - Há caminhos intermediários entre o sim e o não às empresas externas usando as práticas ESG?

IV - Como envolver a comunidade local nesse processo de decisão? Marta tem esse dever?

V – Que caminhos você traçaria se fosse Marta?

Suporte Teórico para Resolução das Questões

A seguir, direcionamos algumas sugestões de leitura e reflexão para o docente, baseando-nos em autores clássicos e contemporâneos acerca dos temas de discussão. É importante compreender que são sugestões, podendo o docente se debruçar em outras fontes de pesquisa. Nessas perspectivas, a construção a seguir parte de artigos científicos e casos de ensino de revistas conceituadas nacionais e internacionais.

I – Riscos e oportunidades das propostas de experiências turísticas de natureza para a comunidade do Catimbau?

Experiências turísticas traz em sua compreensão um aspecto central do que os consumidores buscam em suas trocas e interações (Cavalcanti, 2024). Diversos estudos destacam a crescente popularidade das experiências de aventura em âmbito global (Nyaupane, 2023), justificando-se como um atrativo de lazer turístico em ambientes naturais.

Nesse contexto, a partir da alta demanda por essas experiências de aventura, o segmento de turismo de natureza tem proporcionado experiências inesquecíveis e desenvolvimento local significativo, ao mesmo tempo em que exige cuidado e zelo com o ambiente natural (Cavalcanti, 2024; De Brito Alves et al., 2024). Embora toda atividade de imersão e experiências em ambientes de natureza, como é o caso do Vale do Catimbau, o turismo de massa oferece ganhos econômicos substanciais, por meio de maior fluxo turístico e geração de empregos, mas também implica em riscos de impactos ambientais e culturais (Almeida et al., 2024).

Em contrapartida, modelos emergentes como o turismo regenerativo buscam transformar impactos negativos em resultados positivos, adotando práticas que devolvem valor aos territórios e comunidades, pois cuidar e zelar o ambiente natural em que se interage para lazer e aventura é um dever constante de adeptos, empresas e das comunidades locais (De Brito Alves et al. 2024).

Nesse aspecto, empresas e empreendimentos que atuam diretamente no meio ambiente são percebidos e valorizados atualmente por suas práticas de controle, sustentabilidade e gestão (Severo, 2017). Portanto, existe dois pontos de vista que são de importante compreensão, o turismo e suas experiências que agregam uma amplitude maior de sujeitos, pode oferecer oportunidades de dinamização econômica, como geração de empregos e aumento de receitas locais (Wang, 2020).

Entretanto, traz também riscos significativos: degradação ambiental, sobrecarga de infraestrutura, descaracterização cultural e desigualdade social (Cohen e Cohen, 2019). No caso do Catimbau, segundo Dredge e Jamal (2015), o turismo de natureza que agregam uma grande

escala, tende a favorecer interesses externos e reduzir o poder de decisão das comunidades locais, enfraquecendo modelos autônomos de gestão do território. A sustentabilidade, nesses casos, exige um planejamento que equilibre os benefícios econômicos com a preservação dos recursos naturais e culturais (Gössling e Hall, 2019).

II - O que está em jogo na decisão de Marta?

A decisão de Marta vai muito além do aspecto econômico: envolve a preservação do capital simbólico, ambiental e cultural do Vale do Catimbau, recursos únicos e não renováveis, cuja perda dificilmente poderá ser revertida (Framesche et al., 2025). Seu protagonismo e suas ações são fundamentais para manter vivos os ecossistemas e as tradições locais, desde que conduzidos com participação comunitária e respeito às raízes do território. Em jogo estão não apenas a renda e o desenvolvimento econômico das comunidades locais, historicamente ligadas à agricultura e ao turismo, mas também valores intangíveis como identidade cultural e integridade ambiental e ancestral.

A expansão do turismo de natureza no parque, representa oportunidade de crescimento, mas traz consigo desafios: maior pressão sobre os recursos naturais, riscos de descaracterização ambiental e cultural e a necessidade urgente de equilibrar desenvolvimento com conservação (Silva Júnior, 2018; Garcia et al., 2020). Diante disso, surgem debates sobre novos modelos de gestão sustentável (Kölling e Peixoto, 2022). É nesse contexto que Marta, jovem empreendedora e defensora do turismo de aventura responsável, lidera um esforço coletivo para promover experiências imersivas e sustentáveis no Catimbau, ao lado das comunidades locais, diante de um dilema que definirá o futuro do território.

III - Há caminhos intermediários entre o sim e o não às empresas externas usando as práticas ESG?

Sim, no caso do Vale do Catimbau, há caminhos intermediários possíveis entre aceitar ou rejeitar as propostas das empresas externas. O turismo regenerativo, que integra lazer e natureza com foco na recuperação ambiental (Garcia et al, 2020), e os modelos de parceria público-comunitária apontam para soluções em que empresas externas atuem como parceiras e não como dominantes. O desafio é garantir que respeitem os limites ambientais e culturais, gerando benefícios reais para as comunidades

As práticas ESG, cada vez mais exigidas no turismo, podem servir como base para termos de compromisso, indicadores e monitoramento participativo, ajudando a reduzir desequilíbrios de poder e proteger os interesses locais (Elkington, 2018; Vargas, 2025). Isso exige uma gestão eficiente e uma equipe engajada no controle das atividades do parque, especialmente porque o Vale se consolidou nos últimos anos como um polo de turismo de aventura e natureza no agreste pernambucano (De Brito Alves et al., 2024).

O aumento do interesse por trilhas, rapel, acampamentos e experiências culturais com comunidades indígenas e quilombolas (Alves, 2024; Barmonte, 2021; Silva et al., 2024), reforça a necessidade de um planejamento responsável. As práticas ESG, que nas últimas décadas ganharam destaque global e hoje ocupam papel central na gestão do turismo de natureza (Manzino et al., 2024), são fundamentais, embora o Brasil ainda enfrente desafios em sua consolidação (Lin et al., 2024).

Em um mercado cada vez mais competitivo, no qual o turismo precisa demonstrar respeito a valores culturais, diversidade e preservação ambiental, os critérios ESG são um diferencial essencial (Stepanova et al., 2023). O Vale do Catimbau, com sua biodiversidade única, formações rochosas e pinturas rupestres milenares, exige soluções que conciliem desenvolvimento econômico com conservação e respeito à identidade cultural.

IV - Como envolver a comunidade local nesse processo de decisão? Marta tem esse dever?

De acordo com Micheletti et al. (2024), compreende-se que sim. Marta tem esse dever, tanto pelo papel que ocupa como liderança local quanto pela responsabilidade ética e estratégica que sua posição impõe. Como nativa e empreendedora comprometida com o futuro do Vale do Catimbau, cabe a ela garantir que a comunidade participe ativamente das decisões que moldarão o destino do território. Um processo de decisão coerente e sustentável deve, necessariamente, envolver a comunidade porque:

a) A economia local e a cultura estão diretamente ligadas ao turismo de aventura e natureza. A experiência do visitante, nesse contexto, não é apenas consumir o destino, mas vivenciar momentos memoráveis e autênticos, construídos a partir do valor simbólico e cultural da região (Cavalcanti, 2024). A comunidade faz parte essencial dessa entrega e, portanto, deve ter voz no processo. Além disso, o turismo de aventura apresenta rotatividade ao longo do ano e, quando bem gerido, garante dinamismo econômico contínuo e fortalecimento das raízes culturais locais (Clark e Nyaupane, 2023).

b) As práticas ESG (Ambiental, Social e Governança) oferecem o caminho para decisões mais responsáveis. No aspecto ambiental, o Vale do Catimbau é uma área frágil, com biodiversidade única e patrimônio arqueológico inestimável; qualquer decisão precisa equilibrar conservação e uso turístico. No aspecto social, o desafio está em evitar a descaracterização cultural, a padronização dos serviços e a concentração de renda fora da comunidade. No aspecto de governança, o maior risco é tomar decisões sem ouvir a comunidade, o que pode gerar conflitos, desconfiança e abrir precedentes para práticas irresponsáveis (Manzino et al., 2024; Lin et al., 2024).

c) O fortalecimento da governança participativa é o caminho mais ético e sustentável. Marta pode, e deve, articular a criação de um conselho comunitário e outras instâncias de participação, para garantir que decisões sejam tomadas de forma democrática, transparente e alinhadas às reais necessidades do território (Gonçalves e De Melo Conti, 2020; Miranda et al., 2024).

Isso permitirá maior controle sobre os impactos ambientais, culturais e econômicos, além de legitimar as escolhas feitas diante do dilema que se apresenta. Portanto, o dever de Marta vai além de tomar uma decisão individual: trata-se de promover um processo coletivo, que respeite as raízes da comunidade, proteja o patrimônio natural e cultural do Vale e, ao mesmo tempo, permita um desenvolvimento econômico justo e equilibrado.

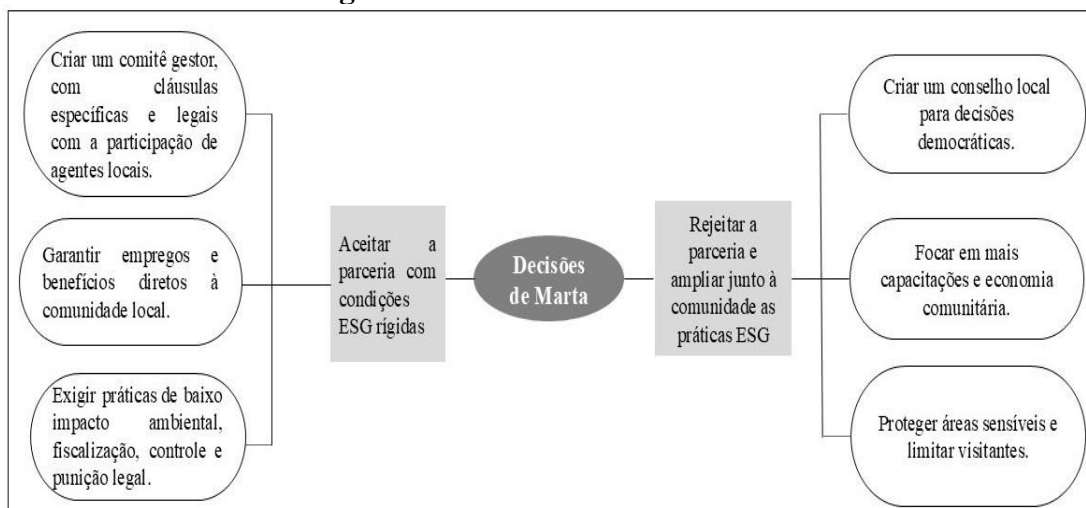
V – Que caminhos você traçaria se fosse Marta?

Como sugestão à decisão de Marta, ela poderia atuar como uma liderança comprometida com o futuro do Vale do Catimbau, como já vem atuando, e buscaria um caminho estratégico, participativo e equilibrado (Manzino et al, 2024; Miranda et al 2024), que integrasse desenvolvimento econômico, preservação ambiental e fortalecimento cultural. Como por exemplo:

- **Construir uma aliança comunitária forte** - Formaria imediatamente um conselho comunitário formal com representantes dos guias locais, artesãos, comunidades quilombolas e indígenas, comerciantes e jovens da região. Esse conselho seria o espaço para debater propostas externas e tomar decisões coletivas, garantindo que a comunidade tenha real poder de veto ou negociação. Buscaria apoio técnico de universidades e ONGs para assessorar o grupo nas análises.

- **Estabelecer critérios claros e exigentes para parceiros externos** - Não diria um “sim” ou “não” imediato às empresas, mas exigiria que qualquer proposta estivesse condicionada a termos claros: A) Cumprimento rigoroso de indicadores ESG (ambiental, social, governança). B) Projetos com baixo impacto ambiental e alta responsabilidade social. C) Contrapartidas reais para a comunidade: por exemplo, percentual mínimo dos lucros reinvestido localmente, contratação prioritária de moradores e apoio a projetos culturais.
- **Fortalecer o marketing do turismo local** - Investiria na divulgação do Vale como destino de turismo consciente e autêntico, destacando que o diferencial da região está nas experiências que respeitam o território e sua cultura. Isso atrairia turistas que valorizam a preservação e estão dispostos a pagar por experiências mais éticas e qualificadas.
- **Buscar novas fontes de financiamento** - Articularia o acesso a editais públicos e privados, fundos nacionais e internacionais (ex.: Fundo Amazônia, iniciativas da ONU) para fortalecer projetos liderados pela própria comunidade, sem depender exclusivamente de capital externo comercial. Essas possibilidades estão a seguir dispostas (Figura 5).

Figura 5 – Possibilidades de decisões



Fonte: Autoras do caso (2025).

Na perspectiva mais efetiva de marta, ela buscaria caminhos que fugissem dos extremos (nem um “sim” passivo ao turismo de massa, nem um “não” isolado e inviável), apostando no fortalecimento local, em parcerias responsáveis e em um modelo de turismo que gere orgulho para o povo e proteção para o território.

Plano e organização de aula

Para a solução do caso, o professor responsável deve repassar apenas o caso anteriormente aos estudantes (uma semana de antecedência), para que leiam e compreendam os principais temas, personagens e problemas envolvidos e os incentive a ler as referências do caso. Posteriormente, em momento agendado pelo docente, a atividade será aplicada em sala de aula com tempo estimado de 2h de atividade, de acordo com o quadro (2) a seguir:

Quadro 2 – Sugestão de estrutura de aula

Tempo	Atividade	Objetivo
10 minutos	Apresentação do caso (resumo projetado ou leitura guiada)	Situar os estudantes no contexto e no dilema do caso.
15 minutos	Discussão em plenária: Pergunta inicial provocativa: <i>“Se você fosse Marta, qual seria sua principal preocupação neste momento?”</i>	Engajar a turma e identificar percepções iniciais.
25 minutos	Trabalho em pequenos grupos (4-6 estudantes): Grupos devem analisar o dilema de Marta com base nos critérios ESG e responder às questões: (1) Quais riscos e oportunidades a proposta de turismo de massa apresenta? (2) Há caminhos intermediários entre o sim e o não? (3) Como envolver a comunidade local?	Promover a reflexão coletiva e aplicação prática dos conceitos.
20 minutos	Apresentação rápida dos grupos (3 min por grupo)	Compartilhar ideias e soluções, ouvir diferentes perspectivas.
20 minutos	Debate mediado: Conectar as soluções dos grupos com os conceitos de ESG, turismo regenerativo, governança participativa e identidade cultural.	Consolidar o aprendizado e reforçar os fundamentos teóricos.
10 minutos	Proposta criativa individual (minipitch): Cada estudante deve escrever em até 5 linhas sua solução para Marta e compartilhar oralmente (opcional: registro em papel ou quadro online).	Estimular síntese e tomada de posição individual.
20 minutos	Encerramento e reflexão final: Professor(a) destaca boas práticas apontadas e reforça a complexidade das decisões em contextos reais de turismo sustentável.	Amarrar a discussão e reforçar os aprendizados.

Fonte: Autoras do Caso (2025).

Outra sugestão não menos importante para o docente, de acordo com a forma de avaliação que preza pela organização, efetividade e aprendizado discente, é seguir a proposta da rubrica a seguir (Quadro 3):

Quadro 3 - Rubrica de Avaliação – Análise do caso e discussão

Critério	Excelente (3 pontos)	Bom (2 pontos)	Insuficiente (1 ponto)
Análise do dilema central	Identifica claramente o dilema e analisa profundamente as tensões entre desenvolvimento econômico, cultura e meio ambiente.	Identifica o dilema e demonstra boa compreensão das tensões.	Dilema mal identificado ou mal analisado.
Proposta de decisão e argumentação	Propõe decisão bem fundamentada, com argumentos consistentes, contextualizados e alinhados à sustentabilidade.	Propõe decisão com argumentos relevantes.	Propõe decisão sem justificativa coerente ou desalinhada ao contexto.
Uso de conceitos teóricos	Integra com propriedade conceitos de turismo sustentável, gestão comunitária, ética e meio ambiente.	Usa conceitos relevantes com razoável profundidade.	Não aplica conceitos relevantes.
Consideração dos impactos sociais e ambientais	Analisa detalhadamente impactos sociais, culturais e ambientais das alternativas propostas.	Aponta impactos principais, com razoável detalhamento.	Ignora ou distorce os impactos no contexto.

Fonte: Autoras do caso (2025) – baseados nas questões para discussão

É fundamental que os critérios de avaliação sejam apresentados previamente à turma, para que todos compreendam claramente os aspectos que serão observados e possam se preparar de maneira adequada para participar de forma ativa, colaborativa e crítica. Esse modelo de avaliação busca estimular reflexões mais consistentes, garantir a qualidade das discussões e atividades realizadas e assegurar que o desempenho dos estudantes seja analisado com base nos critérios definidos na rubrica proposta.

REFERÊNCIAS

Almeida, G. G. F., Almeida, P., & Pereira, J. M. (2024). Conectando ESG e Marca Territorial: Uma Abordagem Estratégica para os Destinos Turísticos. *Revista Rosa Dos Ventos - Turismo E Hospitalidade*, 16(4). <https://doi.org/10.18226/21789061.v16i4p824>

Alves, D. 5 Razões para Descobrir o Vale do Catimbau: Um Paraíso Natural em Pernambuco. Blog Catimbau, 6 fev. 2024. Disponível em: <https://valedocatimbau.com/> acesso em: 12/11/2024.

Barmonte, P. C. Sítio Alcobaça. Oqqbuiquetem, 8 ago. (2021). Disponível em: <https://oqqbuiquetem.com.br/sitio-alcobaca/> acesso em: 18/10/2024

Cavalcanti, R. (2024). *O que é experiência do consumidor?: Investigando a vida no consumo*. <https://doi.org/10.5281/zenodo.11262634>

Cohen, SA, & Cohen, E. (2019). Novas direções na sociologia do turismo. *Questões Atuais em Turismo*, 22 (2), 153-172.

De Brito Alves, A. E., de Melo Ataíde, L. C., Aleixo, A. C. L., & Maciel, S. L. O CONSUMO EM ATIVIDADES DE AVENTURA DE NATUREZA A PARTIR DE UMA ANÁLISE DE CORRELAÇÃO: O CASO DE UM PITCH POR IA PERFEITO. Disponível em https://admpg.com.br/2024/anais/arquivos/07292024_200757_66a8284dc7eb5.pdf

Dredge, D., & Jamal, T. (2015). Progress in tourism planning and policy: A post-structural perspective on knowledge production. *Tourism Management*, 51, 285-297. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2015.06.002>

Framesche, L., Souza, J. B. de ., & Veiga, T. B.. (2025). Modelo multicritério como ferramenta para definição de ações de educação ambiental na gestão sustentável de resíduos sólidos: uma aplicação em municípios do Brasil. *Urbe. Revista Brasileira De Gestão Urbana*, 17, e20230367. <https://doi.org/10.1590/2175-3369.017.e20230367>

Gössling, S., & Michael Hall, C. (2019). Economia compartilhada versus economia colaborativa: como alinhar os desenvolvimentos das TIC e os ODS no turismo? *Journal of Sustainable Tourism*, 27 (1), 74-96.

Kölling, G. J., Andrade, G., & Peixoto, M. R. (2022). ESG. *Direito, Negócios & Sociedade*, 2(3), 20-31. doi.org/10.58941/26760452/v2.n3.37

Lin, MS, Zhang, H., Luo, Y., & Li, Y. (2024). Medição ambiental, social e de governança (ESG) na indústria de turismo e hospitalidade: visões de um país em desenvolvimento. *Journal of Travel & Tourism Marketing*, 41 (1), 154–168. <https://doi.org/10.1080/10548408.2023.2293008>

Manzino, A. R. M., Dos Anjos, S. J. G., Dos Anjos, F. A., & Silva e Cunha, T. (2024). Práticas de ESG em Ecoturismo: Uma Análise Bibliométrica. *Revista Rosa Dos Ventos - Turismo E Hospitalidade*, 16(4). <https://doi.org/10.18226/21789061.v16i4p903>

Micheletti, V., & Pasqualetto, A. (2025). Classificações ambientais, sociais e governança (ESG) e tomada de decisão sustentável: um panorama da literatura científica global. *REVISTA DELOS*, 18(67), e5036. <https://doi.org/10.55905/rdelosv18.n67-051>

Miranda, J. P. J. de, Miranda, R. L. de, Carvalho, L. C. de, & Kroenke, A. (2024). TOMADA DE DECISÃO GERENCIAL POR MEIO DOS RANKINGS DE CONTROVÉRSIAS ORGANIZACIONAIS E DESEMPENHO ESG. *ABCustos*, 19(2), 98–126. <https://doi.org/10.47179/abcustos.v19i2.736>

Movimento Econômico. (2024), 10 de outubro. Projeto transforma moradores em guias turísticos do Vale do Catimbau. Disponível em <https://movimentoeconomico.com.br/turismo-3/2024/10/10/projeto-transforma-moradores-em-guias-turisticos-do-vale-do-catimbau/>.

Acesso em 10 de novembro de 2024.

Severo, E. A., & de Guimarães, J. C. F. (2017). Trajetórias e perspectivas da sustentabilidade e práticas ambientais: uma pesquisa bibliométrica. *Revista Metropolitana de Sustentabilidade (ISSN 2318-3233)*, 7(2), 93-114.

Silva Júnior, E. D. d. (2018). *Interpretação ambiental, transmissão de conhecimentos e valorização do patrimônio natural do Parque Nacional de Catimbau-PE, Brasil*. Tese de Doutorado. Disponível em <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/32776>. Acesso em janeiro de 2025.

Silva, R. P. da, Silva, H. P. de B., Bastos, P. F., & Parente, L. R. C. (2024). Ecoturismo e sensibilização ambiental: a percepção dos guias ecológicos do Parque Nacional do Vale do Catimbau -Pernambuco. *Caderno Pedagógico*, 21(4), e3860. <https://doi.org/10.54033/cadpedv21n4-127>

Stepanova, D., Nurgaliyeva, A., Bessonova, T., Chernova, O., Litvinov, A., & Aru, Y. (2023). The Influence of Active Types of Tourism on the Development of Territories and The Achievement of Esg Principles. *Journal of Law and Sustainable Development*, 11(2), e318. <https://doi.org/10.55908/sdgs.v11i2.318>

Vargas, CER, Mentz, CBK, Bassan, DS, & da Silva, LO (2025). Inovação social e os desafios silenciosos do turismo excessivo: um estudo sobre Gramado/RS. *COLÓQUIO-Revista do Desenvolvimento Regional*, 22 (1, jan./mar.), 43-60. <https://doi.org/10.26767/coloquio.222025.3641>

Wang, H. (2020). The development of marine sports tourism in the context of the experience economy. *Journal of Coastal Research*, 112(SI), 84-86. <https://doi.org/10.2112/JCR-SI112-024.1>